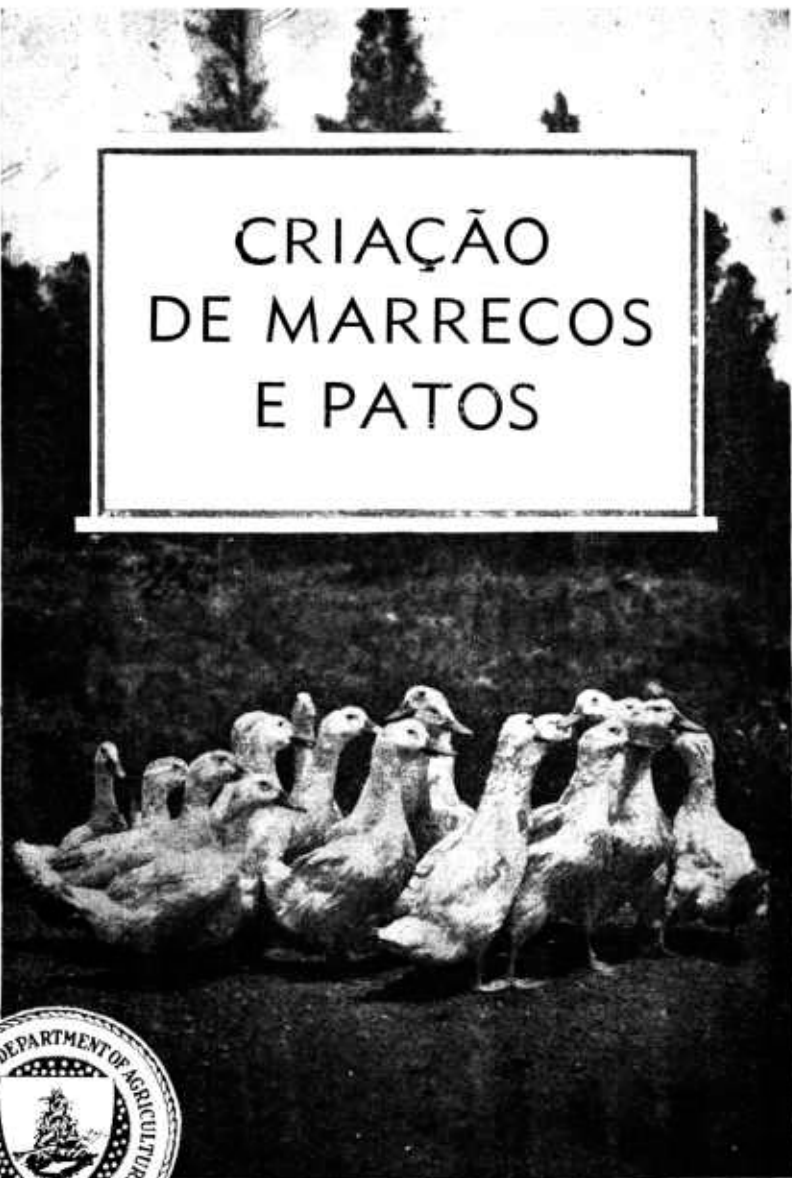
DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS

BOLETIM PARA FAZENDEIROS N.º 697

CRIAÇÃO DE MARRECOS E PATOS

Tradução do Serviço de Informação Agrícola — Ministério da Agricultura — Brasil

A CRIAÇÃO DE MARRECOS E PATOS é feita com êxito nas fazendas como atividade secundária e mesmo, em grande escala, para fins comerciais. A raça Pequim é a melhor para as criações das fazendas. Muitas raças são tão bonitas quanto úteis, tornando a criação muito interessante em qualquer lugar onde haja facilidade para manter aves aquáticas domésticas.

Esta criação, quando destinada ao comércio em larga escala, requer grandes capitais e experiência. Os marrecos novos de crescimento rápido forçado, para serem vendidos com 9 a 13 semanas, são chamados marrecos "verdes". Pesam cada um 2 a 3 kg e constituem a principal fonte de renda das fazendas que se dedicam a essa atividade.

Para que se possa obter os melhores resultados com essa criação é indispensável que o terreno disponha de um curso dágua.

A venda de marrecos e patos, em geral, limita-se às grandes cidades, pois sua procura não é tão grande como a de galinhas e ainda menor é a venda de ovos de pata ou marreca.

Washington, D.C.

Publicado em dezembro de 1915
Revisto em maio de 1933.

CRIAÇÃO DE MARRECOS E PATOS

Por ALFRED R. LEE, *Assistente de Avicultura, e* SHEPPARD HAYNES, *Chefe da Seção Técnica, Divisão da Produção Animal, Serviço de Indústria Animal*

ÍNDICE

PRODUÇÃO DE MARRECOS E PATOS NOS ESTADOS UNIDOS

De acôrdo com o censo federal de 1930, 11.337.487 marrecos e patos foram criados nos Estados Unidos no ano anterior. O censo de 1930 registrou o número de patos e marrecos enquanto que o de 1920 indicou o número de raças existentes; por isso, é impossível fazer um confronto direto dos dois períodos. Contudo, pela quantidade registrada em 1930, parece que a criação dessas aves continuou e aumentou no período de 1920 a 1930. O censo de 1920 mostrou uma pequena diminuição de quantidade em comparação com o censo anterior, feito em 1910.

As maiores criações de marrecos e patos estão localizadas nos seguintes estados, por ordem decrescente de produção: Nova York, Illinois, Pennsylvania, Iowa, Minnesota, Ohio, Massachusetts, Wisconsin, Indiana, Michigan, South Dakota e Califórnia; o número de aves vai de 1.545.943, no Estado

de Nova York, a 382.810 na Califórnia. As cifras apuradas no censo de 1930 indicam um aumento na criação de patos e marrecos nos estados de maior comércio dessas aves, bem como uma produção relativamente grande nos estados centrais do Norte. No Estado de Nova York, o comércio dessas aves se desenvolveu grandemente. O número dos que foram criados nessa região é cêrca de três vêzes maior que o de gansos e dois terços do de perús. Nos Estados Unidos, o número de patos e marrecos em proporção à população do país é muito menor que na maioria dos outros países. Na Grã Bretanha, Irlanda e Nova Zeelândia é várias vêzes maior que neste país, sendo que o maior consumo dessas aves aqui é feito pelos estrangeiros.

RAÇAS DE MARRECOS E PATOS

Existem 11 raças padronizadas de marrecos e patos, admitidas no "American Standard of Perfection". Estas raças podem ser divididas em três tipos: 1) o tipo destinado à alimentação, compreendendo as raças Pequim, Aylesbury, Muscovy, Ruão, Caiuga, Camurça e Sueca; 2) o tipo produtor de ovos, representado pelo Corredor Indiano; e 3) o tipo "decorativo" composto das raças Call, Crista Branca e Negro da India Oriental. Muitas fazendas no Sul e no Middle West possuem marrecos de raças misturadas, em geral de tamanho pequeno, que põem pouco e não servem para comércio. Com exceção da Muscovy, tôdas nossas raças de marrecos que dão lucro são originárias da raça selvagem Mallard.

RAÇAS DESTINADAS À ALIMENTAÇÃO

O PEQUIM

Os avicultores americanos que criam marrecos para vender ainda novos, se dedicam quase exclusivamente à raça Pequim. Os marrecos "verdes" crescem ràpidamente e são vendidos com 9 a 13 semanas, pesando cêrca de 2 a 3 kg. cada um. Quando não são vendidos nessa ocasião, sua carne fica comercialmente depreciada; o pêso diminui e só depois de várias semanas podem recuperar as qualidades exigidas no mercado.

O marreco Pequim (fig. 1) é originário da China, tendo sido introduzido nos Estados Unidos mais ou menos em 1873;

aqui, depressa se tornou a raça mais apreciada nas granjas de criação de patos. Com muito poucas exceções, todos os Pequins dêste país descendem de cêrca de 20 marrecos. A introdução do Pequim, logo seguida pelo uso da incubação artificial, marca pràticamente o advento do comércio intensivo de marrecos nas fazendas dos Estados Unidos. Os marrecos desta raça têm a plumagem branco-creme, corpo comprido, largo e profundo com peito cheio, quilha profunda (a parte que se estende para trás desde o peito). A côr da pele é amarela; as pernas, os tarsos e os dedos vermelho-alaranjado e o bico amarelo-laranja sem qualquer mancha preta.

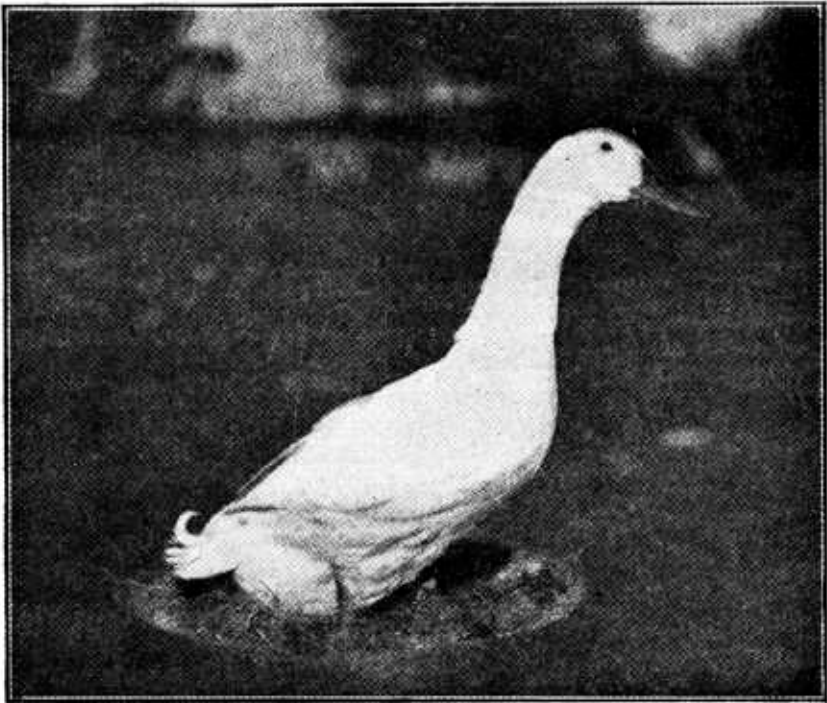



FIGURA 1 — Marreco Pequim

Os pesos padrão para o macho adulto e para a fêmea são: 4 kg. e 3,600 kg., respectivamente. A raça Pequim reune utilidade e beleza até o mais alto grau e os produtos criados nas granjas são muito uniformes. E' uma raça forte, boa poedeira

e quase não choca, sendo muito apropriada para a alimentação. São aves tímidas, que se assustam fàcilmente; muito dóceis, ficam bem nos cercados e servem tanto para as criações comerciais como para atividades secundárias nas fazendas.

O AYLESBURY

O marreco Aylesbury (fig. 2) é originário da Inglaterra, onde é muito mais apreciado que o Pequim. E' grande, branco

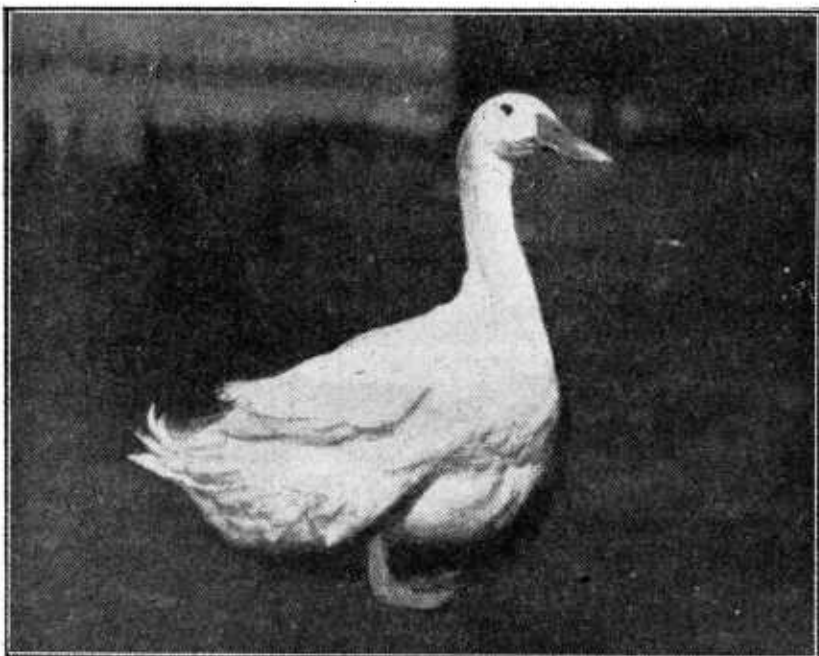



FIGURA 2 — Marreco Aylesbury

com os mesmos pesos padrão e, no conjunto, o mesmo tipo do Pequim; a conformação de seu corpo é, porém, quase horizontal. Esta raça se assemelha à Pequim em muitos traços, porém nunca foi muito apreciada neste país, embora tenha sido aqui introduzida antes daquela. Os Aylesbury criados nos Estados Unidos parecem menos fortes e vigorosos que os da raça Pequim, mas servem para criação e mesmo para fins

comerciais. A plumagem dessa raça é alva, ao passo que a do Pequim é de côr creme.

O MUSCOVY

Há duas variedades padrão do pato Muscovy: a branca e a preta. Esta raça é originária da América do Sul e tida como uma espécie diferente dos outros patos dos Estados

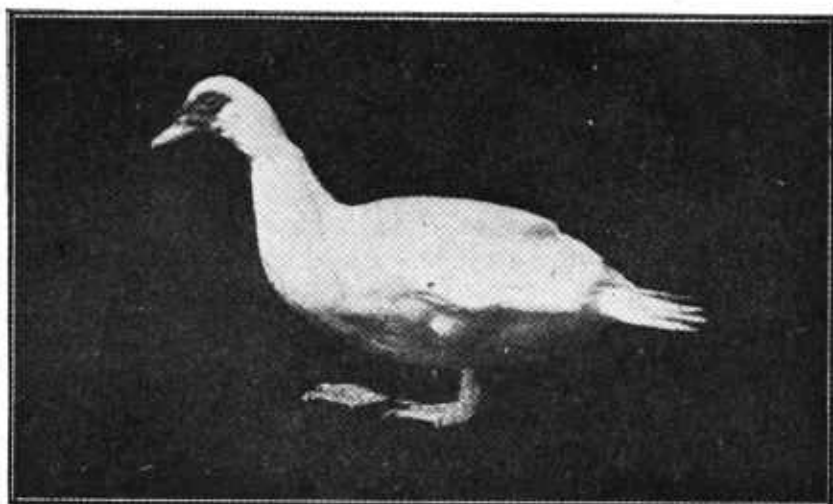



FIGURA 3 — Pato Muscovy Branco

Unidos, embora possa cruzar com marrecas de variedades domésticas, produzindo híbridos que são às vêzes férteis. A cabeça e a face do Muscovy (fig. 3) são parcialmente núas com carúnculas vermelhas e ásperas. Esta espécie tem um corpo comprido e largo; mais largo, porém, menos profundo e com a quilha menos desenvolvida, que na raça Pequim. O macho deve ser, no mínimo, um têrço maior do que a pata, visto o pêso padrão para o pato adulto ser 4 ½ quilos e, para a pata, 3,200 kg. A variedade branca tem a plumagem tôda branca, tarsos côr de laranja pálida ou amarela e bico rosado côr de carne. O peito, o corpo e dorso do Muscovy preto são de côr preta azulada, lustrosa, salpicada de branco. As penas das asas são também de côr preta azulada lustrosa, com manchas

brancas; a cauda é preta. O bico é vermelho, sombreado, e os tarsos amarelos ou côr de chumbo escuro.

A raça Muscovy não se adapta bem às granjas comerciais, visto ser uma espécie que só serve para postura, não sendo apropriada para o comércio por causa da diferença de tamanho entre a fêmea e o macho. Além disso, são bons voadores e podem passar fàcilmente por cima das cêrcas usadas comumente para as aves domésticas. Contudo, é uma ave que se alimenta de tudo e não precisa de cuidados especiais; não é tão barulhenta como a Pequim e pode ser criada, com resultado, nas fazendas.

O RUÃO

O marreco Ruão (fig. 4) toma seu nome da cidade de Rouen, no norte da França, sendo provável que descenda, por seleção, de algum tipo de marreco comum ou nativo seme-

FIGURA 4 — Marreco Ruão

lhante. Na forma e no tipo, esta raça assemelha-se à Pequim, apresentando o mesmo tamanho e os mesmos pesos padrão. Os olhos são castanho-escuros e a cabeça e a parte superior do pescoço do macho são verdes, com um anel branco em volta do pescoço, enquanto a côr do dorso é cinzento, misturado com verde perto do pescoço e sombreado de verde escuro e brilhante perto da cauda. A parte inferior do corpo é cinzenta e o peito é clarete. A cauda e as asas são castanho-acinzentado, misturado de verde, enquanto as asas apresentam uma barra larga côr de púrpura com barras estreitas brancas em cada lado da côr púrpura, visíveis quando as asas estão fechadas. As pernas e os dedos são côr de laranja ou laranja escuro. A fêmea tem, nas asas, barras semelhantes às do macho, porém, a plumagem é castanho, com manchas finas em todo o corpo. Esta espécie possui belas características, mas não é tão apreciada como a Pequim ou Aylesbury, por não crescer tão depressa e, além disso, apresentar penas pretas. Não está adaptada às condições das fazendas que exploram comercialmente a criação de marreco, porém, serve para os amadores e fazendas que não negociam com essas aves.

O CAIUGA

O marreco Caiuga tomou seu nome do Condado de Caiuga, N. Y., onde provàvelmente se desenvolveu mais ou menos em 1850. Assemelha-se ao Pequim pela forma, mas seu pêso padrão é inferior em 450 gr. O Caiuga é um bom marreco para comércio, porém, pouco conhecido, e, devido à sua plumagem escura, não é tão valorizado como o Pequim. A raça Caiuga é boa poedeira e pode ser criada com resultado nas fazendas. Sua plumagem é preta esverdeada por todo o corpo, tendo o macho as penas das asas de côr castanha. Os olhos são castanho-escuro e os tarsos e dedos pretos ou côr de ardósia escura.

O CAMURÇA

O marreco Camurça, em geral chamado Orpington camurça, é originário da Inglaterra e só em 1915 foi admitido no Padrão Americano de Perfeição. Acredita-se que seja o resultado de um cruzamento das raças Corredor Indiano, Ayles-

bury, Ruão e Caiuga. Seus pesos padrão são, em cada tipo, inferiores em 450 gramas aos da Pequim. Sua criação foi desenvolvida na Inglaterra visando a produção de ovos, pois é boa poedeira, sendo também bem aceita no mercado ou na mesa. Esta espécie não foi ainda criada de modo intensivo nos Estados Unidos, mas possui qualidades que, se fôssem melhoradas, torna-la-iam uma boa criação para as fazendas, quer para produção de ovos quer para carne. O marreco Camurça tem o corpo de bom comprimento, largo, alto e bem formado. Sua plumagem é de bonita côr de camurça, uniforme; no macho a cabeça e a parte superior do pescoço são côr de foca.

O AZUL DA SUÉCIA

A raça Azul da Suécia é provàvelmente originária da Alemanha, embora seja encontrada em outros países da Europa. Assemelha-se à Pequim no tipo, porém, é menor, com os mesmos pesos padrão da Caiuga, exceto para o marreco novo, que pesa menos 230 gramas que os daquela raça. A plumagem do Azul da Suécia é tôda azul, com exceção do pescoço que apresenta uma mancha branca e das duas principais penas das asas, que são completamente brancas. Esta raça é pouco conhecida nos Estados Unidos e não é tão apropriada para fins comerciais, como o marreco branco; contudo, é uma boa variedade para ser criada nas fazendas em geral.

RAÇAS POEDEIRAS

A RAÇA CORREDOR

O marreco Corredor, chamado, em geral, Corredor Indiano, recebeu êste nome porque se supõe tenha vindo da India Oriental. Na realidade, parece mais um tipo selecionado de uma raça de marrecos que era muito comum na Bélgica e na Holanda. Há três variedades padrão dessa raça: — a amarelo-avermelhada e branca, a branca e a Pintada. A variedade amarelo-avermelhada e branca é desta côr ou cinzenta e branca, com o pescoço branco e uma linha branca que vai até os olhos, espalhando-se em volta do bico. O dorso e

os ombros são amarelo-avermelhados, com a parte superior do peito e das asas da mesma tonalidade; a parte inferior é branca. O peito é cheio, o corpo comprido e estreito, em declive gradual em direção ao pescoço; o porte é ereto com o corpo alongando-se para trás como um pinguim. Os tarsos e os dedos côr de laranja e o bico do marreco novinho é amarelo, ficando mais tarde amarelo-esverdeado, enquanto que a

FIGURA 5 — Marreco Corredor Indiano branco

fêmea tem o bico manchado de verde, tornando-se depois verde escuro. A plumagem da variedade Branca (fig. 5) é tôda branca. O bico é amarelo e os tarsos e os dedos são alaranjados. A côr da variedade Pintada (fig. 6) assemelha-se à amarelo-avermelhado e branco, com a diferença que a cabeça do macho é escura, côr de bronze-esverdeado e branco, e o dorso tem um espaço amarelo-avermelhado, com pintas de

tonalidade amarelo-avermelhado um pouco mais escura. O corpo e a parte superior do peito têm mais ou menos a mesma côr e a cauda é côr de bronze verde escuro. A cabeça da fêmea é de um amarelo meio avermelhado e branco enquanto que as manchas brancas na plumagem se assemelham às do macho. As manchas coloridas do corpo são de um amarelo meio avermelhado com uma linha de côr amarelo-avermelhado em volta da orla de cada pena, sendo a borda mais escura.

FIGURA 6 — Marreco Corredor Indiano Pintado

O Corredor Indiano é muito menor que os marrecos criados para carne; o macho adulto tem o pêso padrão de 2 kg. e a fêmea 1,800 kg. Há alguns anos, as vantagens desta raça foram muito anunciadas e o número dos Corredores Indianos aumentou ràpidamente durante algum tempo; êste aumento foi, porém, de pouca duração. A Corredor figura entre as melhores poedeiras de tôdas as raças americanas padronizadas e ocupa, em relação às raças de marrecos, a mesmo posição que

a Leghorn entre as galinhas. Os ovos dessa raça são brancos, de bom tamanho, muito maiores que os de galinha. Os marrecos Corredores são fortes e ativos, alimentam-se de tudo e não chocam. Têm pele amarela e são excelentes quando grelhados; com seis semanas de nascidos, pesam entre 1,200 a 1,400 kg. cada um. Não servem para grandes criações de "marrecos verdes", mas podem ser destinados à produção de marrequinhos para assar. Nas exposições, tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro, os Corredores Indianos têm sido bem classificados entre raças poedeiras. A raça Corredor é boa para as fazendas em geral e das melhores para a produção de ovos. Entretanto, as possibilidades comerciais de ovos de marrecas ou patas parecem ser mais ou menos limitadas neste país.

As raças Corredor, Camurça e Campbell caque provaram ser boas poedeiras. A Campbell caque não está incluida no "American Standard of Perfection". Esta raça produz bem durante três ou quatro anos, sendo o resultado do segundo ano quase tão bom quanto o do primeiro. Quem desejar criar marrecas para a produção de ovos, deve procurar raças apropriadas para êste fim. O assunto da produção comercial de ovos de marreca será tratado no capítulo "A venda de ovos de pata ou marreca".

RAÇAS DECORATIVAS

O "CALL"

Há duas variedades de patos Call: o cinzento e o branco. Considerados os garnisés da família dos patos, são criados para exposição ou por simples prazer, sendo usados como isca na caça do pato silvestre. Dizem que êsses patos são ainda melhores para isca quando cruzados com a raça silvestre Mallard ou com o pato comum. O Call Cinzento tem as côres características do Ruão, assemelhando-se muito ao Mallard. A plumagem do Call Branco é completamente branca. Os patos dessa raça não têm um pêso padrão, mas são criados e selecionados para tamanho pequeno.

O CRISTA BRANCA

O Crista Branca é um pato branco, decorativo, de tamanho médio que, como o nome indica, tem uma crista (fig. 7). Seu pêso padrão é inferior em 450 gr. ao do marreco Caiuga.

FIGURA 7 — Pato de crista branca

O NEGRO DA INDIA ORIENTAL

O pato Negro da India Oriental é pràticamente do mesmo tamanho é do mesmo tipo do pato Call, sendo criado apenas para fins decorativos. Sua plumagem é completamente preta, com reflexos verde brilhante. Êste pato é muito tímido e não se adapta bem ao cativeiro.

O MANDARIM E O "WOOD"

O Mandarim e o "Wood" ou patos da Carolina, que são as aves aquáticas pequenas mais decorativas, não foram incluidos no Padrão Americano de Perfeição. A plumagem destas raças tem lindas características e diversas côres bri-

lhantes. As duas variedades são criadas nos parques e nos jardins zoológicos, com outras aves aquáticas decorativas.

CRIAÇÃO DE PATOS E MARRECOS

A criação de patos e marrecos em grande escala foi muito desenvolvida, por se revelar um bom negócio, em Long Island (fig. 8) nas zonas onde há facilidade de transporte para as cidades de Nova York, Boston e Filadélfia. O principal problema para a localização de uma granja de criação

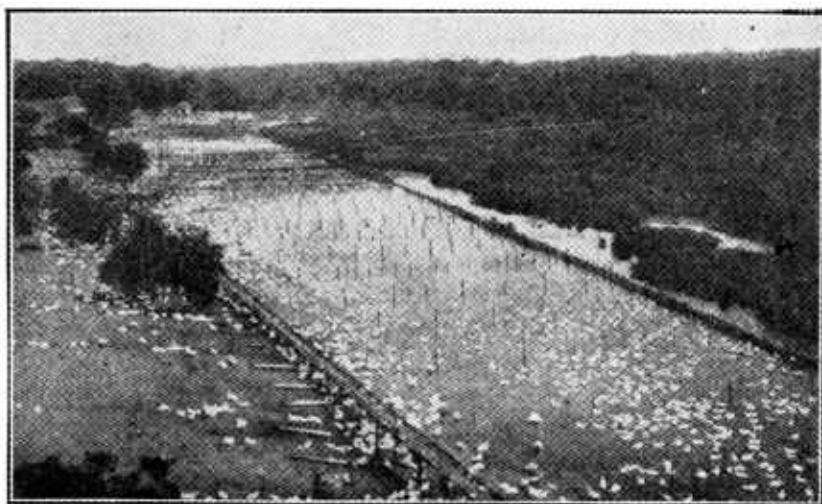



FIGURA 8 — Uma grande granja de criação de patos e marrecos em Long Island

de patos e marrecos é dispôr-se de boa estrada de ferro ou facilidade de transporte, por meio de caminhões, para uma grande cidade, onde se possa vender as aves. As grandes criações de patos e marrecos são muito barulhentas necessitando, portanto, de local um tanto isolado. A criação de patos e marrecos em grande escala dá muito melhor resultado que a criação intensiva de galinhas, pois os marrecos Pequim, sobretudo, que suportam bem o cativeiro, criam-se muito mais fàcilmente, sendo menos sujeitos às doenças que os frangos. Os métodos artificiais de chocar e criar e as máquinas que tanto traba-

lho poupam têm sido usados com ótimos resultados nas granjas de criação de patos e marrecos.

As encomendas de patos ou marrecos para a alimentação, por um bom preço, limitam-se, sobretudo, a algumas grandes cidades e não são tão comuns como as de frangos ou galinhas. Contudo, parece que a procura está aumentando; mas o fato de não haver grande comércio muito prejudica o estabelecimento e o desenvolvimento das granjas para criação. Na maioria das grandes cidades, especialmente onde há colônias estrangeiras mais numerosas, seria possível criar-se um mercado capaz de dar saida a tôda produção de uma grande granja de criação de patos e marrecos. As condições do mercado devem ser bem estudadas antes de se começar a criação.

A criação de patos ou marrecos para o comércio em grande escala é um negócio que necessita de capital e muita experiência. Nesse ramo de negócio, o melhor mestre é a experiência e os principiantes devem começar em pequena escala, desenvolvendo o negócio à proporção que a experiência justificar. Os patos e marrecos podem ser criados com bom êxito e lucro em qualquer fazenda, mas não se adaptam tão fàcilmente como as galinhas, para dar um rendimento nas condições das fazendas comuns, embora sirvam para acrescentar uma variedade de ovos e carne ao cardápio da fazenda. As raças de patos e marrecos que servem para alimentação e para produção de ovos são as mais apropriadas para as fazendas em geral e podem ser criadas com proveito sempre que haja bons pastos com água corrente. As raças Pequim, Ruão e Caiuga são as melhores para êste fim, enquanto que as raças poedeiras, como a Corredor, podem, em muitas fazendas, dar ótimos resultados. Os abrigos devem ser situados perto da água e o local cercado para não deixar entrar o gado. Os fazendeiros raramente dispensam os cuidados necessários aos patinhos e marrequinhos quer na alimentação, quer na venda, para poderem negociar com patos e marrecos "verdes".

LOCAL E INSTALAÇÕES

O local mais conveniente para uma granja de criação de patos e marrecos é o terreno de areias fôfas com um declive suave para o Sul, indo até um riacho, como se vê na figura 9,

a fim de que o cercado para os patos e marrecos possa continuar uns 7 ½ metros ou mais dentro dágua corrente, pois, em regra, a fertilidade dos ovos será melhor, se as aves tiverem acesso à água. Nas granjas de criação de patos e marrecos, é indispensável dispôr-se de abastecimento dágua natural, o que também facilitará o trabalho. A instalação dos abrigos deve ser feita poupando trabalho e prevendo a respectiva ampliação. As instalações necessárias compreendem ninhos para as patas e marrecas, local para a incubadeira, abrigos

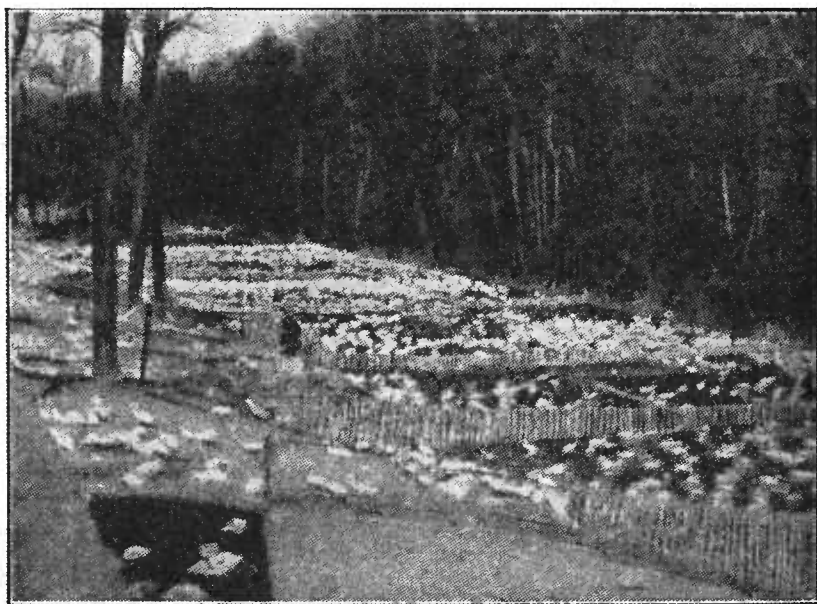



FIGURA 9 — Cercados para patos e marrecos, estendendo-se até a água

para as ninhadas, compartimentos para engorda, locais para guardar e misturar o alimento e matar e depenar os patos. Os ninhos dentro dos abrigos, os cercados externos e as demais instalações devem ser dispostos de modo a permitir que as aves possam andar fàcilmente de abrigo em abrigo. O lugar para o alimento deve ser situado no centro.

Nas grandes fazendas, são utilizadas máquinas para misturar os alimentos e, na maioria, há trilhos para vagonetes puxados a mão, a fim de facilitar o transporte dos alimentos

para os vários abrigos e cercados. Quando se tem grande criação, é indispensável dispôr de boas instalações dágua, pois os patos e marrecos precisam de grande quantidade dágua doce. E' preciso também ter muita sombra para tôdas as aves. Embora os patos possam viver em área muito restrita, é conveniente dar-lhes bastante espaço. Nas granjas de criação intensiva são necessários dois cercados com plantações que cresçam ràpidamente e que devem ser ora de uma qualidade ora de outra, tais como aveia, trigo e centeio.

Na maior parte das granjas de patos e marrecos em Long Island, os cercados são cobertos de areia e lavados pela maré na enchente e vasante. Todos os cercados devem ter um declive suave e ser mantidos bem limpos, o que se consegue raspando a superfície de alguns dêles. Deve ser reservado bastante espaço para cultivar alimento verde e utilizar o estrume produzido. Os patos e marrecos para o comércio podem ir para a água, quando a temperatura está branda, depois de 6 a 7 semanas de nascidos e com 8 semanas, no tempo frio. Isto poupa o trabalho de lhes dar de beber e auxilia a manter os patinhos e marrequinhos em boas condições e com as penas limpas.

ABRIGOS

O local para os abrigos das aves domésticas deve ser sêco, bem drenado e acima do nível do resto da propriedade. O melhor é escolher terra alta e porosa. Um abrigo coberto com telhado, medindo 5,40 m. de fundo, 9,60 m. de comprimento, 2,40 m. de altura na frente, e 1,50 m. atrás, dá bom alojamento e pode conter 100 a 125 patos e marrecos. E' conveniente reservar um espaço de 0,38 m^2 a 0,56 m^2 para cada reprodutora (fig. 10). Os patos e marrecos são criados por grupos de 75 a 250 aves; o mais comum, porém, é separá-los em grupos de 100 a 150. O número e o tamanho das aberturas e a ventilação na sala da incubação dependem do clima local. Os abrigos reproduzidos nas gravuras estão situados em Long Island. Cêrca de 1 têrço da fachada consiste de janelas de vidro e espaços para cortinas de cassa, em proporção igual. Uma janela de vidro na extremidade voltada para o nascente e outra na extremidade dirigida para o poente, ajudam a

arejar e a secar o abrigo nos dias de temperatura amena. A ventilação é de importância vital, visto como a saúde e o confôrto das aves dependem de grande quantidade de ar puro e sêco. Uma camada de terra de 10 cm. a 15 cm. sôbre o nível do chão é muito conveniente nos solos fofos bem drenados. Devem ser usadas tábuas com 15 cm a 20 cm acima do chão e cobertas com 10 cm. de areia ou terra sêca.

Deve-se renovar a palha ou serragem que cobre o piso dos abrigos, sempre que as mesmas estiverem molhadas ou sujas. No tempo frio, deve-se aconchegar bem a palha para conservar os patinhos ou marrequinhos com confôrto. Êsse processo

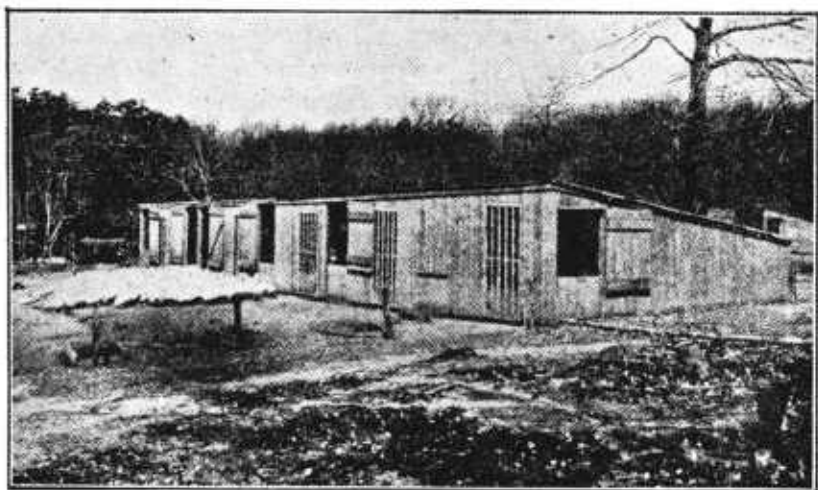



FIGURA 10 — Um abrigo para patos e marrecos

torna a ventilação ainda mais necessária. Durante o dia, as janelas devem ficar bem abertas a fim de deixar secar os abrigos, a não ser quando o tempo estiver frio ou durante as tempestades. Em geral os abrigos dispõem de ninhos. Êstes são feitos em compartimentos com 30 cm. de largura e 45 cm. de fundo, separados com tábuas com cêrca de 30 cm. de altura. Estas tábuas são pregadas numa travessa fina de madeira com cêrca de 12,5 cm. de altura, formando a frente da fileira dos ninhos, situada no fundo ou no lado da construção. Alguns criadores não fazem ninhos, deixando as aves pôr os ovos no

chão. Os cercados devem ter cêrca de 30 m. de comprimento e a largura da capoeira e, se possível, prolongar-se por 9,00 m. dentro de um riacho. Uma tela de arame com 60 cm. de altura conservará as aves adultas nos seus respectivos cercados e uma tela de 45 cm. servirá para cercar os patinhos ou marrequinhos.

CRIADEIRAS

Quando se faz criação de patos ou marrecos em grande escala, como mostra a fig. 11, usam-se abrigos aquecidos por tubos de água quente. Um dêsses abrigos, como uma só fila de capoeiras, deve ficar voltado para o lado do Sul e os outros, com filas duplas, voltados para o nascente e o poente. Cada capoeira deve ter uma janela de vidro de modo que possa ser fàcilmente aberta para deixar entrar diretamente o sol. Para uma só fila de capoeiras, será suficiente uma casa abrigada por telheiro, com cêrca de 3,60 m. de fundo, 1,95 m. de altura na frente e 1,35 m. atrás, do comprimento que se desejar.

Em geral usam-se mais casas com duas filas de abrigos, tetos de cumieira com 1,50 m. de lado e 2,40 m. de altura total. Os tubos de água quente ficam situados no centro da construção, quatro de cada lado da divisão central da casa. Sôbre êstes tubos fica uma plataforma sob a qual os patos vagueiam e que serve também para passagem do tratador (fig. 12). Nenhuma cobertura é usada sôbre os tubos, exceto no tempo frio, quando se pode colocar nêles sacos de juta. As criadeiras que possuem duas filas de capoeiras têm cêrca de 7,20 m. de largura e cada capoeira é dividida em seções de 1,50 m. a 1,80 m. com 3 m. de comprimento, incluindo o espaço sob os tubos. Cada separação pode conter 100 ou 150 marrequinhos, deve ter cêrca de 30 cm. de altura e ser arranjada de modo que parte da separação de cada capoeira possa ser retirada a fim de fazer passar as aves de um abrigo para outro. Em uma extremidade da construção, os tubos de aquecimento ficam mais perto do piso e vão se elevando gradualmente até o outro extremo, a fim de acomodar as aves de diferentes tamanhos. Os patinhos ou marrequinhos menores ficam no lugar onde os tubos estão mais perto do chão, ou 7,5 cm. acima de suas cabeças; e, à proporção que crescem, necessitando menos

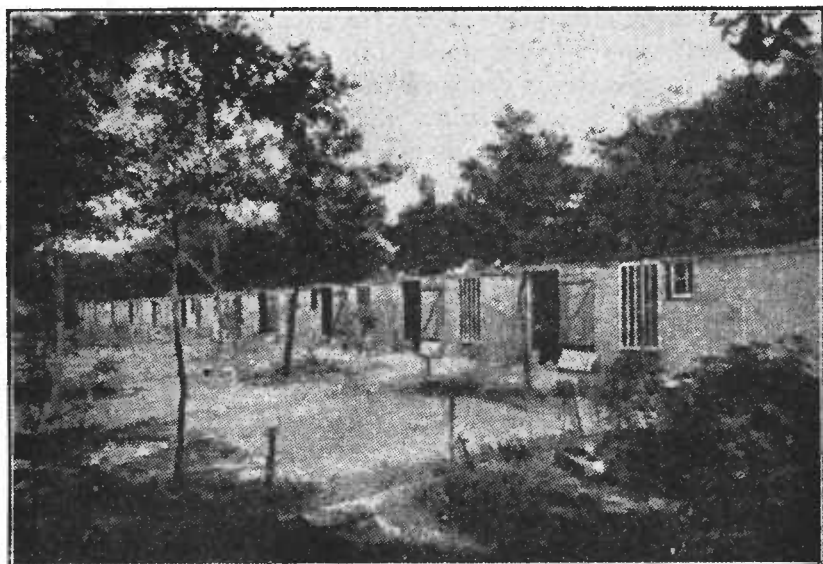



FIGURA 11 — Casas para criação de patos ou marrecos em grande escala

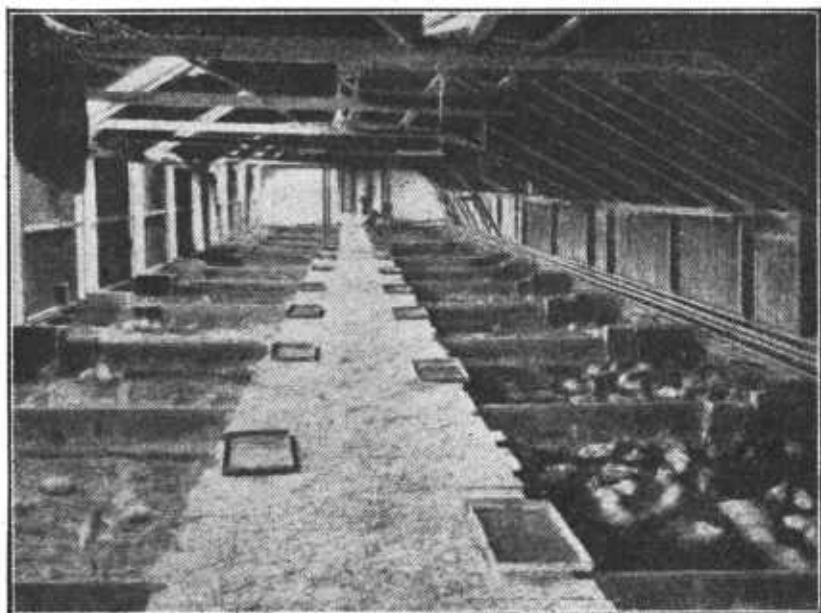



FIGURA 12 — Interior de uma criadeira mostrando no centro vasilhas com alimento. Os tubos de água quente e o espaço para as aves andarem estão no centro da casa sob a tábua que serve de passagem.

calor, são mudados para as capoeiras onde os tubos ficam mais altos.

Uma segunda casa, com cêrca de 7,20 m. de fundo, tem os tubos colocados muito mais acima do chão da capoeira a fim de habituar as aves a menos calor, antes de serem transferidas para o telheiro da engorda.

As capoeiras da segunda casa têm 3,60 m. a 4,50 m. de largura e acomodam 100 à 150 patinhos ou marrequinhos até a idade de 5 a 6 semanas.

Quando os patinhos atingem cêrca de 5 a 6 semanas e estão bem emplumados, são transferidos para telheiros simples de engorda ao longo da água. E' necessário ter alguma experiência para fazer esta transferência, porque os marrequinhos ou patinhos que primeiro sairam dos ovos necessitam do calor artifical muito mais tempo que os que sairam depois. Depois que as penas do dorso estiverem um pouco crescidas, os mesmos não precisarão mais de abrigo, exceto nas horas de sol muito quente. Cêrca de 300 patos ou marrecos são colocados em cada cercado de engorda, medindo 30 m. a 45 m. e avançando pela água cêrca de 15 m. Aí as aves podem nadar e limpar a plumagem.

SELEÇÃO E REPRODUÇÃO

Para o bom êxito da criação de patos e marrecos é indispensável dispôr-se de reprodutores fortes, de corpo largo e cheio. Geralmente os patos e marrecos são escolhidos no mercado com 8 a 10 semanas de nascidos. Os machos são escolhidos no mês de junho e as fêmeas no comêço de julho. Para a reprodução, deve-se escolher sòmente as aves mais desenvolvidas e as mais vigorosas (fig. 13). Essas aves são conservadas sòmente durante sua primeira postura, sendo depois vendidas. Patas e marrecas velhas não põem bastantes ovos durante o princípio do inverno para produzir suficiente quantidade de aves para vender, porém algumas das melhores são, às vêzes, conservadas para criação.

As aves destinadas à produção de patinhos e marrequinhos para venda devem pôr cêrca de 120 ovos durante a estação de postura, que começa em dezembro e se prolonga pelos

meses de maio e junho. As patas e marrecas põem os ovos de manhã cedo e devem ser conservadas dentro das casas ou abrigos até as 9 e meia horas. Se forem sôltas, podem pôr dentro do lago ou do riacho, perdendo-se, assim, os ovos. Os abrigos podem ter luz artificial fraca para alegrar os patinhos e marrequinhos. Quando se apanham as aves, é melhor segurá-las pelo pescoço do que pelas pernas, que se quebram fàcilmente. Durante o tempo frio 16 machos podem ser acasalados a 100 marrecas, ao passo que, com temperatura amena, 14 a

FIGURA 13 — Criação de marrecos da raça Pequim

15 serão suficientes. O macho é, em geral, mais grosseiro e mais másculo na aparência que a fêmea, apresentando o marreco penas crespas características na cauda. Tresentas fêmeas devem produzir, anualmente, mais de 10.000 aves para o mercado.

INCUBAÇÃO

O período da incubação para os ovos de pata e marreca é, em geral, de vinte e oito dias, com exceção dos de raça

Muscovy, que necessitam de 33 a 35 dias. Os ovos podem ser chocados natural ou artificialmente.

Em tôdas as grandes granjas de criação de patos e marrecos são utilizadas chocadeiras. Estas devem estar em salas bem ventiladas ou em porões onde a temperatura é uniforme. O porão ou sub-solo deve ter a altura de 2,25m a 2,55m, com muitas janelas acima do nível do chão para iluminação e ventilação. E' preciso que os ovos sejam bons e férteis e só de aves que tenham sido bem acasaladas e conservadas nas melhores condições possíveis de saúde e vigor.

As raças Pequim e Corredor raramente chocam; por conseguinte, a não ser que se utilize uma chocadeira, os ovos são chocados por galinhas. Se os ovos estiverem sujos quando apanhados, será preciso lavá-los, uma vez que a água não altera suas qualidades. Deve-se tomar cuidado com as galinhas que chocam os ovos de pata ou marreca porque o período da incubação dura mais uma semana que os de galinha. Em geral, os patinhos e marrequinhos levam 24 a 48 horas para sair dos ovos depois que picaram as cascas; por isto, é aconselhável deixar as galinhas sairem do ninho para beber e comer quando o primeiro pato ou marreco picar a casca e, então, colocá-la novamente no ninho até que todos os ovos hajam eclodido. Os ovos de pata ou marreca precisam de mais umidade no momento da eclosão do que os de galinha, o que faz com que os marrequinhos precisem de mais tempo para sair dos ovos. Deve-se, por isso, salpicar os ovos com água quente quando os mesmos estiverem prestes a sair.

A chocadeira deve estar perfeitamente em nível e será posta em funcionamento durante alguns dias antes de receber os ovos. O reservatório do termômetro deve estar bem acima dos ovos. Com o reservatório nesta posição, a temperatura deve ser 39,1°C durante a primeira semana e 39,4°C até que os marrequinhos saiam; nessa ocasião, deixa-se o termômetro chegar até 39,7°C. As chocadeiras portáteis funcionam com pressão artificial numa temperatura de 37°C a 37,2°C. Êste tipo, porém, não é muito usado para ovos de pata ou marreca. As chocadeiras próprias para ovos de marrecas ou patas podem ser adquiridas em qualquer fábrica, porém, quando há poucos ovos, pode-se usar o aparelho comum para ovos de galinha.

Quando se fizer uso da chocadeira, deve-se seguir os conselhos dos fabricantes. Em geral os ovos são virados duas vêzes por dia, começando do terceiro até o vigésimo, inclusive; mas, se a chocadeira tiver um dispositivo automático para virar os ovos, êstes são virados três ou quatro vêzes por dia. Os ovos são, em geral, refrescados diàriamente, a começar do décimo até o vigésimo quarto, inclusive, exceto nas incubadeiras portáteis. Os ovos que esquentam demais podem ser refrescados ràpidamente, recebendo salpicos de água fria. Em geral, aconselha-se umedecer os ovos de patas ou marrecas depois do décimo dia de incubação; isso, entretanto, depende da chocadeira, do clima e, sobretudo, da umidade do lugar onde funcionar a chocadeira. Muitos métodos são usados para fornecer umidade durante a incubação, tais como salpicar os ovos com água aquecida até 37°C ou colocar uma vasilha com água, um recipiente contendo areia molhada ou uma esponja molhada sob a bandeja dos ovos. Outros métodos usados são os de salpicar ou encharcar o piso da chocadeira ou, se esta é pequena, colocar um balde de água quente sob a lâmpada. Fechar bem a chocadeira quando os marrequinhos e patinhos começam a piar; fechar os ventiladores e não abrir a máquina até que todos tenham saído dos ovos. Se a bandeja estiver muito cheia, pode-se abrir os ventiladores, depois que dois terços dos patos e marrecos já tenham saído; mas as portas não devem ser abertas. Quando todos os patinhos estiverem fora das cascas, retira-se a bandeja dos ovos, abrindo os ventiladores e conservando meio aberta a porta da chocadeira. Deve-se deixar os patinhos ou marrequinhos na chocadeira 24 a 36 horas, numa temperatura de 32°C, sem alimentá-los; findo êsse tempo são êles transferidos para a criadeira, onde devem ficar, bem cobertos, resguardados do frio.

EXAME DOS OVOS

Os ovos de pata ou marreca são examinados uma ou duas vêzes durante a incubação, com o auxílio da luz de uma vela ou lâmpada e os que não estão férteis ou estão com o embrião morto são retirados. O embrião morto dentro de um ovo de pata ou marreca se decompõe rapidamente, o que logo é perce-

bido pela respectiva aparência e cheiro. Os ovos claros (inférteis) podem ser cozidos e dados aos marrequinhos. Quando se faz apenas um exame, êste sempre precede de alguns dias a eclosão. Se forem feitos dois exames, o primeiro tem lugar no quinto ou sexto dia e o segundo no vigésimo quarto, mais ou menos. No exame dos ovos deve-se levar em conta a condição do embrião e o tamanho da câmara de ar. O exame deve ser feito num quarto escuro. Um ovo infecundo tem a parte de cima perfeitamente clara, como o ovo fresco, enquanto que o fértil apresenta um ponto escuro; o embrião apresenta uma rêde de pequenas veias sanguíneas se espalhando em tôdas as direções, o que significa que está vivo. Se, porém, estiver morto, o sangue estará localizado na orla da gema, formando, na maioria dos casos, um círculo irregular, conhecido como anel de sangue. Os ovos com embriões fortes e vivos são escuros, e no décimo primeiro dia estarão parcialmente cheios, apresentando uma linha distinta de demarcação entre a câmara de ar e o embrião, enquanto que os embriões mortos apresentam apenas um desenvolvimento parcial e não têm esta linha clara e distinta.

CRIAÇÃO ARTIFICIAL

E' mais fácil criar artificialmente patos ou marrecos que pintos; por isso, nas granjas de criação de patos, são adotados exclusivamente métodos artificiais. Os patinhos ou marrequinhos são retirados da chocadeira 24 a 36 horas depois da eclosão e levados para a criadeira (fig. 12), onde recebem o primeiro alimento. 100 a 150 patinhos são colocados em capoeiras de 1,80m a 3,60m. Uma tábua é colocada através da capoeira a uns 75 a 90cm dos tubos da criadeira, para os marrequinhos andarem, durante os primeiros três ou quatro dias. Se as ninhadas forem criadas por galinhas, será bom prender estas e deixar os patinhos e marrequinhos em liberdade, porque as galinhas podem levá-los para muito longe.

A temperatura sob a plataforma deve ser de 32°C a 35°C na primeira semana, 26°C a 29°C na segunda e cêrca de 23°C na terceira, até que os patinhos e marrequinhos sejam levados para a segunda criadeira, onde a temperatura é de 18°C a

21ºC. Cêrca de seis semanas mais tarde, os patinhos ou marrequinhos são transferidos da segunda criadeira para o telheiro da engorda, que não dispõe de calor artificial. Nos meses mais quentes, esta mudança pode ser feita quando êles têm menos idade e, mais tarde, nos meses frios. A temperatura que deve ser mantida na plataforma depende do clima e do tempo. O piso da criadeira deve ser forrado com palha ou serragem; de 10 em 10 dias, deve ser limpo colocando-se nêle palha nova. Durante o inverno, depois que os patinhos ou marrequinhos têm 10 dias a 2 semanas, deve-se deixa-los sair da criadeira, sempre que o tempo o permitir.

A fim de manter os patinhos ou marrequinhos mais espertos, deve-se deixar o abrigo com luz artificial durante tôda a noite. Êsse processo de iluminação aumenta também o consumo de alimento. Os telheiros de engorda são igualmente iluminados.

ALIMENTAÇÃO

A parte principal da ração alimentícia do pato ou marreco é uma mistura molhada, em geral preparada em máquinas. Para os patinhos ou marrequinhos usa-se, sempre, um alimento leve feito do grão de milho, usado com as misturas. Tôdas as rações são misturadas com alimento verde ou vegetais cozidos, que substituem a verdura. O alimento verde consiste de alfafa, trevo, milho verde, centeio, ervilha de vaca ou qualquer outra verdura, cortadas em geral por uma máquina, no tamanho de um centímetro, mais ou menos. O centeio é um dos primeiros alimentos verdes da primavera; em seguida, vêm a alfafa e aveia e, depois, o milho verde ou sêco, picado. Deve-se semear a nabiça em agôsto para a alimentação do fim de estação e esta produz sempre enquanto o inverno não se torna muito rigoroso. Nas misturas, junta-se também farinha de fôlha de alfafa e, se não houver alimento verde, pode-se juntar legumes cozidos, na proporção de um quinto da mistura. Há misturas à venda no comércio, que servem para as aves novas e que são usadas também por muitos criadores para as mais velhas. Os patinhos e marrequinhos, geralmente, recebem alimento logo que são colocados nas criadeiras. Nos primeiros cinco dias, devem comer uma

mistura com 35 % de farinha de milho amarelo, 31 % de farelo, 10 % de farinha de alfafa, 5 % de leite sêco, 5 % de resíduos de carne, 5 % de aveia, 3 % de areia, e 1 % de sal. Um por cento de óleo de fígado de bacalhau deve ser pôsto nesta mistura; o óleo só deve ser misturado na ração de duas semanas, no máximo, de cada vez.

Os ovos infecundos podem ser aproveitados e fornecidos em lugar do leite, nesta ração, na proporção de dois ovos cozidos e amassados, para cada quarto de ração.

Quatro vêzes ao dia, dá-se aos patinhos e marrequinhos o alimento em quantidade suficiente para que não deixem sobras, até que tenham 2 a 3 semanas e, depois, 3 vêzes por dia, até serem vendidos. Deve haver sempre areia ou pedra moida à disposição das aves e, quando elas têm 2 ou 3 semanas, a mistura deve ser substituida por outra com 45 % de farinha de milho, 24 % de farelo, 10 % de farinha de trigo, 10 % de farinha de carne, 5 % de aveia moida grossa, 3 % de pedras calcáreas moidas, 2 % de leite sêco e 1 % de sal. Para os patinhos e marrequinhos desta idade dá-se, em vez do óleo de fígado de bacalhau, alimento verde, numa proporção de 10 % da mistura. Quando os patinhos e marrequinhos têm 6 semanas e já estão bem emplumados (fig. 14), devem receber uma ração para engordar, com 50 % de farinha de milho, 18 % da farelo, 13 % de farinha de trigo, 12 % de farinha de carne e 5 % de aveia moida e 2 % de leite sêco com 10 % do total da mistura em alimento verde.

Como já foi dito, no mês de junho ou julho, faz-se a separação dos patos e marrecos destinados à reprodução e dos que serão vendidos. Os primeiros passam, então, a comer grande quantidade de mistura contendo muito poucos resíduos de carne. Uma boa mistura para os reprodutores pode incluir 40 % de farelo, 30 % de farinha de milho amarelo e 25 % de fubá ou farinha de trigo de qualidade inferior e 5 % de resíduos de carne ou farinha de peixe. Esta ração é misturada com um têrço de sua quantidade de alimento verde. Em 15 de outubro, mais ou menos, aumenta-se os resíduos de carne ou farinha de peixe para 12 % da ração, o que representa a maior quantidade necessária numa ração para reprodutores. Nessa

ocasião, aumenta-se também a farinha de carne, ficando a ração com 50 % de farinha de milho amarelo, 25 % de farelo, 13 % de fubá ou farinha de trigo e 12 % de resíduos de carne ou farinha de peixe.

Outra boa ração para reprodutores é a mistura de 45 % de farinha de milho amarelo, 20 % de farelo, 10 % de fubá, 10 % de farinha de trigo, 10 % de resíduos de carne e 5 % de farinha de aveia ou aveia moida misturada com alimento verde. Aos reprodutores dá-se tôda a porção que podem comer duas vêzes ao dia, pela manhã e à noite. O alimento deve ser

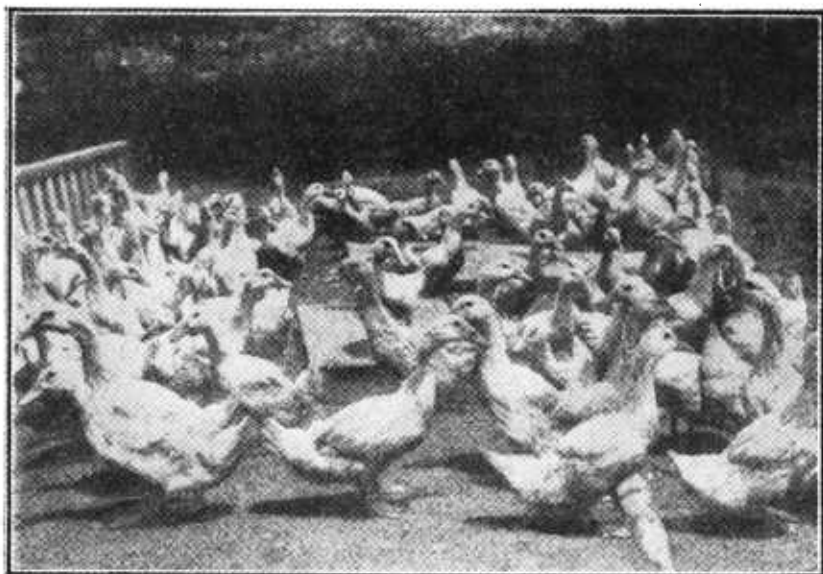



FIGURA 14 — Marrecos da raça Pequim com 7 semanas, no cercado de engorda

bastante molhado para ficar no ponto de poder ser espremido, entre a consistência viscosa e a consistência de migalhas, mas não deve ficar como miolo de pão. E' preciso ter sempre à disposição das poedeiras cascas moidas de ostras e areia.

Quando se alimenta o Corredor Indiano ou as raças poedeiras destinadas ao mercado, é preciso aumentar na ração os resíduos de carne para 15 % e reduzir a quantidade de alimento verde. Estas raças se alimentam de rações especiais

durante todo o ano. Uma outra boa ração para as poedeiras, cujos ovos são destinados ao mercado, é uma mistura de 25 % de farinha de milho amarelo, 25 % de farinha de trigo grossa ou fubá, 20 % de farelo, 15 % de aveia moída e 15 % de farinha de peixe ou de carne. Êste alimento é dado com uma mistura de grãos em partes iguais de trigo e milho. Para as poedeiras pode-se dar uma mistura contendo só 40 % de farinha de milho, 25 % de farinha de trigo ou fubá, 15 % de farelo, 40 % de aveia moída e 10 % de farinha de peixe ou de carne. Qualquer das duas rações pode ser completada com cêrca de 10 % de farinha de alfafa, se não contiver algum alimento verde.

Se fôr necessário prender as aves na criadeira todo ou a maior parte do inverno, deve-se misturar com a ração 2 % de óleo de fígado de bacalhau e, se houver pouco sol direto, acrescenta-se à ração um pouco de óleo de fígado de bacalhau; porém, duas semanas antes das aves serem vendidas, não se dá mais o óleo, para não prejudicar o sabor da carne.

Aos patinhos ou marrequinhos dá-se sempre o alimento amassado numa tábua plana com cercado de ripas. As gamelas com a ração devem ficar perto da água no local da engorda, para que os marrequinhos ou patinhos não tenham muito que andar. O alimento não deve ficar à disposição das aves até azedar, pois, neste caso, pode causar convulsões e até a morte, sobretudo nos patinhos e marrequinhos novos.

Na criadeira, deve haver sempre água diante dos patinhos e marrequinhos. Muitos criadores usam bebedouros sôbre telas de arame que ficam um pouco acima do chão, sendo a área do solo em baixo cercada para que não se molhe a palha em volta. Para as aves mais velhas é preciso muita água e esta deve ficar perto do alimento para que elas possam beber e comer ao mesmo tempo. Os bebedouros devem ter profundidade suficiente para que as aves possam mergulhar o bico na água e lavar as narinas, tirando delas a areia e a pedra moída. Recipientes de cimento em cada cercado com 15 cm de largura e 5 cm de profundidade, contendo água corrente, são ideais para dar de beber aos patos.

PREPARO DE PATOS E MARRECOS PARA O MERCADO

Os patos e marrecos "verdes" são sempre vendidos com 11 semanas; podem, contudo, ser também vendidos com 9 a 13 semanas, de acôrdo com as condições das aves, respectivo pêso e segundo a estação do ano (fig. 15). No mercado de

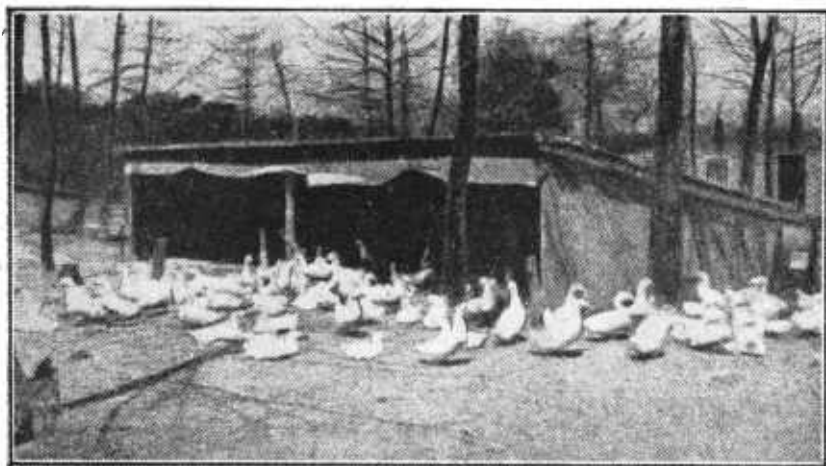



FIGURA 15 — Os patos e marrecos engordados para o mercado são alojados num telheiro, ao ar livre

Nova York, dá-se preferência às aves pesando 2,500 kg. Aves já grandes, com 11 semanas, pesam 2,500 kg. Para engordar uma ave destinada ao mercado são precisos 1,400 kg. a 2 kg. de alimento para cada 450 g. de pêso do animal (com penas).

A maior parte dos patos e marrecos é enviada para o mercado já preparada, mas em alguns mercados, sobretudo na cidade de Nova York, vende-se grande quantidade de aves vivas. Perde-se muito no pêso quando os patos ou marrecos são vendidos vivos. Não se deve conservar os patos e marrecos "verdes" além do tempo em que as penas grandes das asas atingem seu crescimento máximo, pois é nesta ocasião que as aves estão em melhores condições. Uma armadilha com o formato de um V feita de pedaços de cêrca, para onde as aves são impelidas, poupa muito o trabalho de apanhá-las.

Em geral, para matar os patos e marrecos penduram-se os mesmos pelos pés, enfileirados, e corta-se a veia jugular na

altura da garganta, logo abaixo da base do crânio, através da bôca, ou, então, corta-se o pescoço. Antes de matar as aves, deve-se dar uma forte pancada na cabeça. Pendura-se na bôca uma vasilha para o sangue ou um pêso e depena-se a ave, em geral escaldando-se a mesma ou aquecendo-a no vapor. Em algumas cidades, porém, prefere-se depená-las a sêco. A água para escaldar os patos e marrecos deve ser usada pouco antes de ferver, porque quando demasiadamente quente, descolora a pele; as aves devem ser escaldadas enquanto o sangue está escorrendo. Recomenda-se que sejam retiradas tôdas as penas, exceto algumas do pescoço; mas, em Long Island, deixam-se as penas compridas da cauda e parte das penas das asas. As penas são retiradas com uma faca desafiada e a penugem é tirada com a mão úmida ou raspando-se com uma faca bem afiada. Nas granjas de criação de patos e marrecos, na época da venda, contratam-se pessoas para depenar as aves. Em média cada pessoa pode depenar 75 a 125 por dia. Para cada homem que mata, são precisos 24 auxiliares para depenar. Cada ave produz cêrca de 70 g. de penas aproveitáveis para vender, o que ajuda a pagar o trabalho de depenar. As penas devem ser sêcas; para isso, são bem espalhadas no celeiro e viradas muitas vêzes, até secar completamente.

Depois que os patos e marrecos estão escaldados e depenados, em geral são lavados e colocados no gêlo ou na água fria para refrescar e "inchar". As aves são colocadas em barrís e enviadas para o mercado com ou sem gêlo de acôrdo com o tempo e a distância a ser percorrida. Quando se põe gêlo, as aves são arrumadas em camadas, sempre com a quilha ou peito para baixo. Coloca-se no fundo do barril uma camada de gêlo partido, sôbre a qual põe-se uma camada de aves depenadas, e alternam-se camadas de gêlo com camadas de aves até que o barril esteja quase cheio, completando-se, então, o enchimento com uma camada de gêlo em pedaços. Em algumas regiões, usam-se também caixas para transportar as aves mortas. As aves depenadas devem ser arrumadas por tamanho e ser bem geladas antes de arrumadas nos barrís.

Os preços dos patos e marrecos são relativamente altos de dezembro até março ou abril, diminuindo gradualmente à

proporção que o ano vai passando e que a quantidade se torna menor. Em janeiro o preço médio dos patos e marrecos vivos maiores, em Nova York, nos anos de 1929, 1930, 1931 e 1932 foi de 55,6 cents por quilo de pêso. Em julho do mesmo ano, o preço médio foi de 41,4 cents. Quando os preços, na primavera e no verão, são baixos, as aves são guardadas em depósitos refrigerados até conseguirem preços mais altos. Durante uma parte do ano, os preços, no mercado de Nova York, de patos e marrecos vivos, por quilo, são, em geral, iguais ou mesmo mais altos que os das aves mortas, devido a maior procura. Os administradores das grandes fazendas de criação de patos e marrecos esperam vender entre 50 a 60 aves para cada criador. A procura de patos e marrecos "verdes" já está firmada nas grandes cidades de Leste e das costas do Pacífico, porém, é relativamente pequena nos centros menos importantes. Os patos e marrecos criados em fazendas não especializadas nessa criação não são vendidos até o outono e alcançam menor preço que os "verdes".

VENDA DE OVOS DE PATAS E MARRECAS

A procura de ovos de patas e marrecas é pequena, não podendo ser comparada com a de ovos de galinha. Há maior procura de ovos de pata ou marreca em Nova York e em outras cidades, por preços alguns cents mais altos do que os de ovos de galinha, nas proximidades da Páscoa, mas, durante o resto do ano, os ovos de pata e marreca não alcançam preços mais altos que os de galinha, apesar de serem cêrca de um quarto maiores. Os melhores ovos de pata e marreca alcançaram, em média, na ocasião da Páscoa, em Nova York nos anos de 1929-32, o preço de 53 cents por dúzia. Contudo, êste alto preço dura só poucas semanas e a média dos quatro anos para o mês de maio, nos mesmos anos, foi apenas de 29 cents, ou 3 a 4 cents mais que a dúzia dos melhores ovos de galinha. Em alguns mercados está se estabelecendo, pouco a pouco, o comércio de ovos escolhidos de pata ou marreca, produzidos nas fazendas próximas, porém, as encomendas são poucas. Os ovos completamente brancos são mais procurados e, em geral, alcançam os melhores preços. Os ovos de pata e mar-

reca devem ser vendidos continuamente, pois se estragam mais ràpidamente que os de galinha, sobretudo com o calor. As pessoas que pretenderem se dedicar à criação de raças poedeiras devem estudar cuidadosamente as possibilidades do mercado de ovos.